









# ANTHOLOGIA POÉTICA DE JOSÉ ALBANO

*Emoi kai Moúsais*

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EX TYPIS ASSIS BEZERRA  
FORTALEXIÆ, 1918



# ANTHOLOGIA POÉTICA DE JOSÉ ALBANO

*Emoi kai Moúsais*

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EX TYPIS ASSIS BEZERRA  
FORTALEXIÆ, 1918





# POESIA LÍRICA



## ODE Á LINGUA PORTUGUEZA

Lingua minha, se agora a voz levanto,  
Pedindo á Musa que me inspire e ajude,  
Sómente sôe em teu louvor o canto,  
Inda que a lyra seja fraca e rude ;  
E tudo quanto sinto na alma, e digo,  
Já que na alma não cabe,  
Contigo viva e acabe—só contigo.

Lingua minha dulcisona e canora,  
Em que mel com aroma se mistura,  
Agora leda, lastimosa agora,  
Mas não isenta nunca de brandura ;  
Lingua em que o affecto santo inflúe e ensina  
E derrama e prepara  
A música mais rara — e mais divina.

Lingua na qual eu suspirei primeiro,  
Confessando que amava, ás auras mansas  
E agora choro, á sombra do salgueiro,  
Os meus passados sonhos e esperanças;  
Na qual me fez ditoso em tempo breve  
Aquella doce falla  
Que outra nenhuma iguala — nem descreve.

Lingua em que o meu amor fallou d'amores,  
Em que d'amores sempre andei cantando,  
Em que modúlo os mais encantadôres  
E deleitosos sons de quando em quando  
E espalho accentos inda nunca ouvidos  
De maguas e de gosos,  
Queixumes amorosos — e gemidos.

Sempre e sempre te eu veja meiga e pura  
Naquella singelleza primitiva,  
Naquella verdadeira formosura  
Que farei que no verso meu reviva.  
E, se apenas um pouco se revela  
D'esse encanto jucundo,  
Ha-de mostrar ao mundo—quanto és bella.

Outros andam o teu sublime aspecto  
D'ornamentos estranhos encobrando  
Sem saber o que tens de mais secreto,  
De mais maravilhoso e de mais lindo :  
Em ti já não se nota o mesmo agrado  
E eu não te reconheço,  
Se o teu valor e preço—é rejeitado.

Quanta e quamanha dôr me surge e nasce  
De nunca ouvir aquelle antigo estylo,  
Mas eu fiz que elle aqui se renovasse,  
Para que o mundo emfim pudésse ouvi-lo.  
E com todo o poder d'engenho e d'arte  
Foi sempre o meu desejo  
Vêr-te qual te ora vejo—e celebrar-te.

Ah! como assim me enlevas e me encantas,  
Ora chorando e rindo, ora gemendo ;  
E, se te outros offendem vezes tantas,  
Embora solitario, eu te defendo :  
Eu te defenderei sem têr descanso  
E em luta não ingloria  
Tu verás que a victoria — e a palma alcanço.

E em pago d'isto peço que me imprimas  
Maior ternura na alma e não ma aggraves ;  
Dá-me versos dulcíssimos e rimas  
Eternas, peregrinos e suâves :  
Dá-me uma voz melodiosa e amena,  
Para que noute e dia  
Diga a minha alegria — e a minha pena.

E não quero um som alto e retumbante  
Para cantar d'amor ao mundo attento,  
Pois não ha lingua que d'amor não cante,  
Mas nenhuma traduz o meu tormento ;  
Nenhuma se conhece que traslade,  
Afóra tu sómente,  
Do coração dõente — a saúde.

das Rimas.

## SONETO I

Poëta fui e do áspero destino  
Senti bem cedo a mão pesada e dura,  
Conheci mais tristeza que ventura  
E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino  
Que tanto engana, mas tão pouco dura,  
E inda choro o rigor da sorte escura,  
Se nas dôres passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento  
Dos sonhos que sonhava noute e dia  
E só com saüdades, me atormento ;

Entendo que não tive outra alegria  
Nem nunca outro qualquer contentamento,  
Senão de têr cantado o que soffria.

**das Rimas.**



## SONETO 11

Ditoso quem foi sempre desamado  
Nem nunca na alma viu pintar-se o goso  
Que' lhe promette estado venturoso  
Para depois deixá-lo em triste estado.

Já me de todo agora persuãdo  
De que não póde haver brando repouso  
E do affecto mais doce e deleitoso  
Se gera ás vezes o maior cuidado.

Não quero bôa sorte nem sonhá-la,  
Pois logo passa, apenas se revela,  
Com uma dôr que outra nenhuma iguala.

Mas quem desconheceu benigna estrella,  
Se não teve a alegria d'alcançá-la,  
Nunca teve o desgosto de perdê-la.

**das Rimas.**

## SONETO III

Amar é desejar o sofrimento  
E contentar-se só de têr soffrido  
Sem um suspiro vão, sem um gemido  
No mal mais doloroso e mais cruênto.

E' vagar d'esta vida tão isento  
E' d'este mundo enfim tão esquecido,  
E' pôr o seu cuidar num só sentido  
E todo o seu sentir num só tormento.

E' nascer qual humilde carpinteiro,  
De rudes pescadores rodeado,  
Caminhando ao supplicio derradeiro.

E' viver sem carinho nem agrado,  
E' sêr enfim vendido por dinheiro  
E entre ladrões morrer crucificado.

das Rimas.

## SONETO I V

Mata-me, puro Amor, mais docemente,  
Para que eu sinta as dôres que sentiste  
Naquelle dia tenebroso e triste  
De supplicio implacavel e inclemente.

Faze que a dura pena me atormente  
E de todo me vença e me conquiste,  
Que o peito saúdoso não resiste  
E o coração cançado já consente.

E como te amei sempre e sempre te amo,  
Deixa-me agora padecer contigo  
E depois alcançar o eterno ramo.

E, abrindo as asas para o ethereo abrigo,  
Divino Amor, escuta que eu te chamo,  
Divino Amor, espera que eu te siga.

das Rimas.

## CANTIGA I

Nestes sombrios recantos,  
Nestes saudosos retiros  
Deslisa um rio de prantos  
E corre um ar de suspiros.

*Volta*

Tenho na alma dous moñhos,  
Um é d'agua, outro é de vento;  
Ambos juntos e visinhos  
Estão sempre em movimento.  
E gyros tantos e tantos  
E tantos e tantos gyros  
Dão ao primeiro os meus prantos  
E ao segundo os meus suspíros.

**das Rimas.**

## ESPARSA I

Ha no meu peito uma porta  
A bater continuamente;  
Dentro a esperança jaz morta  
E o coração jaz doente.  
Em toda parte onde eu ando,  
Ouço este ruído infindo :  
São as tristezas entrando  
E as alegrias sahindo.

das Rimas.

## VILLANCETE

Com lembranças do meu bem  
Sósinho estive a chorar  
Entre o sol-posto e o luär.

*Voltas*

Na hora mais triste que sei  
Das horas que vêm e vão,  
Saudosamente espalhei  
Suspiros do coração;  
Pois que me nascia então  
Uma magua singular  
Entre o sol-posto e o luär.

E eu dizia: «O sol morreu,  
« Não me vê gemendo assim,  
« A lua, occulta no céu,  
« Não sente pena de mim.  
« O dia teve o seu fim  
« E a noute está por chegar  
« Entre o sol-posto e o luär.

« Já chorei muito a soffrer

Saudades longe de ti,  
Porém nunca em desprazer  
Senti o que sinto aqui !  
E d'esta arte conheci  
Quanto é mais triste — chorar  
Entre o sol-posto e o luar.

das Rimas

## CANTIGA II

Passarinho lisonjeiro  
Cuja voz o espaço invade,  
Se vives em liberdade,  
Passo a vida em prisioneiro.

*Voltas*

Vejo-te voar nos ares  
Alegre, as asas batendo,  
E o motivo não entendo  
De tanto me lastimares;  
Pois a não ser prisioneiro  
Ninguém, a mim, me persuade;  
Pela tua liberdade  
Não troco o meu prisioneiro.

Preferes o teu estado  
E o meu destino prefiro;  
Vôas livremente em gyro,  
Trazem-me em grilhões atado.  
Só no dia derradeiro  
Hei-de me soltar, pois ha-de  
Ser-me morte a liberdade  
E é-me vida o prisioneiro.



Mas, se me tens em desprezo,  
Ainda assim te perdão ;  
Sóbe pelos céus em vôo  
E deixa-me á terra preso.  
E isso tudo eu te requeiro  
Que no canto se traslade :  
Louva a tua liberdade,  
Que eu louvo o meu captiveiro !

**das Rimas.**

## TROVAS COM ECHO

Debaixo d'esta alta fronde  
Ninguém me ouvirá gemer  
Co'a tristeza e desprazer  
Que dentro da alma se esconde.

*Echo*

Onde ?

Chorai, olhos meus, chorai,  
Que eu não abafo o que sinto ;  
No coração quasi extinto  
Quanto tormento me vai !

*Echo*

Ai !

Echo saúdoso e brando,  
Que tens compaixão de mim,  
Se sabes gemer assim,  
Andas acaso penando ?

*Echo*

Ando.

Dura sorte o céu te deu,  
Mais eu sou mais desgraçado,  
Pois quem por ordem do fado  
Tem pesar igual ao meu ?

*Echo*

Eu.

das Rimas

## ESPARSA II

Colhes rosas no jardim  
E desfolhas malmequeres  
Porém, se bem me quizéres,  
Olha e tem pena de mim :  
Quando em mim os olhos pões,  
Vês que em tormentos insanos  
Ando a colher desenganos  
E a desfolhar illusões.

das Rimas.

## COPLAS

Que me roubou o amor cego?  
O socego.  
E esta vida triste e escura ?  
A ventura.  
E o fado cruel e iroso ?  
O meu goso.  
D'esta arte vivo entre a gente  
Maguado e saudável,  
Dêsque perdi juntamente  
Socego, ventura e goso.

Comigo os dias quem passa ?  
A desgraça.  
A chorar quem me condemna ?  
Uma pena.  
E quem me traz desmaiado ?  
Um cuidado.  
D'esta arte, em queixas desfeito,  
Contra o meu destino brado,  
Trazendo dentro do peito  
Desgraça, pena e cuidado.

Onde está o céu risonho ?  
No meu sonho.

Onde o gosto bemfazejo ?  
No desejo.  
Onde a paz serena e mansa ?  
Na esperança.  
D'esta arte já não maldigo  
O bem que se não alcança,  
**Pois** tenho ainda comigo  
Sonho, desejo e esperança.

das Rimas.

## ESPARSA III

Amor me faz esperar,  
Esperança me faz rir,  
O riso me faz chorar,  
O choro me faz sentir;  
O sentir me faz soffrer,  
O soffrer me causa dôr,  
A dôr me dá um prazer  
E o prazer cantos d'amor.

das Rimas.

## MOTE

Olha para os olhos meus,  
Que os meus olhos te dirão  
As penas do coração.

*Glosa*

Tu me não ouves gemer  
Em tortura e desprazer,  
Mas ha tristezas mortais  
Neste meu peito e jamais  
Deixarei de padecer.  
Os sonhos, voando aos céus,  
Já me disseram adeus—  
E a escura magua sem fim,  
Se ainda a não viste em mim,  
Olha para os olhos meus.

Cuidados, tormentos vis  
Que humana lingua não diz,  
Desassocego sem paz,  
Tudo isto nelles verás  
E quanto sou infeliz.  
Has-de conhecer então



Esta dura condição;  
Talvez chegues a chorar,  
Vendo o profundo pesar  
Que os meus olhos te dirão.

A dôr que ha dentro de nós,  
As vezes é tão atroz,  
Que no supplicio cruël  
A bocca se enche de fel  
E a garganta perde a voz.  
Quero, pois, soltar em vão  
Suspiros que na alma estão,  
Porém, se falar não sei,  
Nos olhos te mostrarei  
As penas do coração.

das Rimas.

## ENDECHAS

Quantas vezes choro  
Sem saber porquê  
E o pranto sonoro  
Se ouve e não se crê.

Em nenhuma parte  
Vejo mal ou bem,  
Nem prazer que parte,  
Nem pesar que vem.

Mas noutes e dias,  
Tardes e manhãs  
Vôam fugidias  
Estas queixas vãs.

Risos sem começo,  
Lágrimas sem fim :  
Se tanto padeço,  
Que será de mim ?

D'uma pena ignota  
Magua singular  
Que se sente e nota  
Pelo suspirar.

Pois, se os olhos sécco  
E não choro mais,  
Inda se ouve um echo  
De saudosos ais.

E em qualquer retiro  
D'estes que bem sei,  
Sem querer suspiro  
Onde já chorei.

Onde acharei pranto  
Para tanto dó ?  
Ai que já não canto,  
Dêsqe vivo só.

Mas para lamentos  
Haverá razão ?

Cuidados cruêntos  
Nunca tornarão.

Estas queixas mansas  
Que espalhando estou,  
São talvez lembranças  
Do que já passou.

Mas a dôr fugindo  
Cessa e já não é;  
Surge amor infindo  
Co'esperança e fé.

A alma se traslada,  
Vôa para o céu,  
Doce patria amada  
De quem já soffreu.

Um anjo me guia,  
Me leva e conduz  
Para vêr MARIA,  
Para vêr JESUS.

Onde tudo é goso  
Que não vejo aqui,  
E serei ditoso,  
Já que padeci.

Onde em brando riso  
Tudo se desfaz  
E a dôr suãviso  
Em serena paz.

Onde a primavera  
É meiga e gentil  
E um bem que se espera,  
Se transforma em mil.

Onde num desmaio  
Doce e encantador  
Entre abril e maio  
Nasce o eterno amor.

Onde se ouve a pura  
Voz celestial,

Bem como murmúra  
Fonte de crystal.

E a fragrancia amena  
Pelo espaço azul  
Vence a da assucena  
Nos jardins do sul.

Onde se prepara  
Ao côro fiêl  
A mais santa e rara  
Hostia d'Israel.

Doce manjar d'alma  
Que o Senhor bem diz,  
Me alenta e me acalma  
E me faz feliz.

E como d'uma ave  
Os suspiros meus  
Em queixa suãve  
Vão aos pés de Deus.

Dos olhos sentidos  
A lágrima cai,  
Sóbem os gemidos  
Aos pés do meu Pai.

Todo me enche e invade  
Lânguido prazer,  
Em felicidade  
Deixai-me morrer.

No mundo mesquinho  
Tudo é só pesar :  
Ao meu patrio ninho  
Deixai-me voar.

Onde veja o amante  
E perpetuo bem  
E co'os anjos cante  
Gloria a Deus. Amen.

**das Rimas.**





# POESIA ÉPICA



## ·COMEÇO DO TRIUMPHO

Era no tempo, quando a terra perde  
O alvo manto de neve e a doce Flora  
Adorna o bosque e esmalta o campo verde.

Nos ares se ouve a música sonora  
De Prógne que lá vai, lânguida e lenta,  
Tornando aõnde Philomela mora.

Eis sobre o manso e livre de tormenta  
Assento das nereidas saüdosas  
Um triumpho aos meus olhos se apresenta.

Coberto só de lyrios e de rosas,  
Aurifulgente carro vem trazido  
Por mil pombinhas meigas e amorosas.

Nelle co'o ledó e tréfego Cupido,  
Está Venu: serena e sorridente  
A cujo raro encanto andei rendido.

E o seu olhar se alonga no ambiente,  
Como uma clara estrella matutina  
Começa a scintillar suãvemente.

E o seu sorriso vôa na campina  
Como um jasmim que docemente caia,  
Quando Favonio a leve rama inclina.

E entre ondas de perfume que se espraia,  
Vêm as Graças gentis em brando adejo :  
Euphrosyna e Thalía com Aglaia.

E as horas immortais admiro e vejo  
Dicéa, Eunómia e Iréne co'a formosa  
Musa que ainda accende o meu desejo.

Esta é quem só d'amores vive e gosa,  
Esta é quem faz que eu só d'Amores cante  
Em melodia doce e dolorosa.

do Triumpbo.

## FALLA DÀ MUSA

Caro amador, nunca houve quem te visse,  
Senão tratando só do affecto puro  
Que amor manda que sempre se cobice.

O mesmo bem procuras que procuro,  
E em pago do teu longo soffrimento  
Aqui verás pintado o teu futuro.

Ouve-me, nunca viverás isento  
D'arte ou d'engenho e sempre terás na alma  
Da poësia o brando sentimento.

Terás a doce avena que te acalma,  
E a bellicosa tuba que te anima,  
Para que alcances sempiterna palma.

E voando no espaço, lá de cima  
Espalharás em sonoro canto  
O que nunca se disse em verso ou rima.

Nunca te faltará do monte santo  
A protecção benigna e bemfazeja  
Das nove musas a quem amas tanto;

Que eu te prometto que o Parnaso seja  
Em teu favor e d'esta vida escura  
Évites a vulgar e vil peleja.

Sentes comigo a mesma desventura  
E o mesmo goso e, cheia de gemidos,  
Na mesma lingua a tua voz murmura.

Ah nunca de mim sejam esquecidos  
Os accentos da música celeste  
Que vencem e arrebatam os sentidos.

E como sempre assim cantar quizeste,  
Em sons ou d'amargura ou d'alegria,  
Farei que o teu amor se manifeste.

E erguerás nesta vida fugidia  
Um monumento como outrora os houve,  
Contra que o duro tempo em vão porfia.

E embora a gente humana te não louve,  
Has-de viver contente, conhecendo  
Que Polymnia te inspira e Apollo te ouve.

**do Triumpho.**

## APPARIÇÃO D'APHRODITE

Já se escutam sussurros e clamores  
Contra os de Luso, a tal empresa affeitos,  
Quando apparece a deusa dos amores  
Que traz em laços corações e peitos;  
E, olhando aquelles dons encantadôres,  
Os nunes immortais ficam sujeitos  
E o proprio Zeus se espanta e maravilha  
Da formosura que lhe mostra a filha.

Como abelhas em vôo diligente  
São da colmeia, cheia d'aureos favos,  
De madrugada, quando no oriente  
Eos derrama os seus cabellos flavos :  
Pousam aqui e alli suãvemente  
Em brancas rosas e vermelhos cravos :  
D'esta arte beijos vão subindo emtorno  
Ao collo eburneo, palpitante e morno.

E como pombos, revoando á tarde,  
Quando a noite começa e o dia finda,  
Descem co'a luz do ultimo raio que arde,  
Pela celeste altura etherea e linda;  
E o doce ninho que os proteja e guarde,  
Este acha logo e aquelle busca ainda :  
Assim de toda parte ao seio brando  
Suspiros amorosos vão chegando.

E qual o caminhante no deserto  
Que ouve os múrmuros sons d'alguma flauta,  
Ou qual o pescador que leva perto  
Dos cantos da sereia a barca incauta ;  
Parece o mundo um paraíso aberto  
Ao viajor cansado e ao triste nauta :  
D'esta arte Cytheréa nos fascina,  
Erguendo a voz em súplica divina :

Ó grande padre Zeus, é bem notório  
O amor que tenho ao peito lusitano  
Que ousadamente dobra o promontório  
Sem medo a tempestade, morte ou damno;  
E agora quero, em prêmio não inglorio  
Do seu atrevimento mais que humano,  
Levá-los longe da estação severa,  
A pátria da perpetua Primavera.

Já fiz surgir uma ilha nunca vista  
Em meio do oceano, amena e doce,  
Onde o audaz coração, dado a conquista,  
Pelos amores conquistado fosse;  
E ahi, longe de tudo que contrista,  
Guiei as invencíveis naus, e trouxe,  
Onde se repousassem das fadigas  
De mares e de terras inimigas.



Mas, se lhes dei lugar tão bemfazejo,  
Para que enfim um pouco descansassem,  
Mais merecem, segundo entendo e vejo,  
E peço que sem guerra ávante passem;  
Pois agora é o meu unico desejo  
Que vivam onde eternos gosos nascem,  
Em deleitosos sonhos duradouros  
Myrtos verdes juntando aos verdes louros.

E a ti, sublime padre Zeus, entrego  
O futuro da minha gente amada,  
Faze que pelo tormentoso pégo  
Mansamente navegue a lusa armada.  
E, se alguém com furor maligno e cego  
Contra os nautas levanta a voz, e brada,  
Não lhe creias, pois tudo te assegura  
Que é fructo só d'inveja baixa e escura.

da Allegoria.

## FALLA D'HERMES

D'esta arte falla o padre soberano  
Que a tudo manda e ordena sabiamente,  
Parte-se Poseidon irado e insano,  
E a lânguida Aphrodite ri contente;  
Vai, pois, illustre capitão, sem damno,  
Que Zeus aos Lusos navegar consente  
Aõnde a Primavera enternecida  
Ha muito que te chama e te convida,

Vai pelo mar azul á verde terra  
Tão fértil, tão fecunda e tão formosa,  
Em cujo seio a natureza encerra  
Tudo que o coração deseja e gosa;  
Em cujo bosque, valle, prado e serra  
Corre um perfume d'assucena e rosa,  
Em cujas grutas frescas e quiêtas  
Hão-de morar as musas e os poetas.

Disse e qual andorinha que em procura  
Vôa d'amenos e deleitoso clima,  
Vendo uma branca vela na agua pura,  
Dos céus desce e lhe vem pousar em cima;  
Mas em seguida pela etherea altura  
Co'asa mais leve a revoar se anima:  
D'esta arte subiu lépido e ligeiro,  
Pelo caminho lacteo o mensageiro.

da Allegoria.

## DESCRIPÇÃO DA PATRIA DA PRIMAVERA

Por um declive saúdoso rio  
Entre as penhas desliza lentamente,  
Formando um lago claro e luzidio  
No qual se espelha a selva florescente ;  
Vê-se alli um vergel verde e sombrio,  
Banhado pela limpida corrente,  
Onde colher se pôdem, sem embargos,  
Doces laranjas e limões amargos.

E entre mil retorcidas trepadeiras,  
Nos duros troncos prôcurando encosto,  
Nascem romãs, á vista prazenteiras,  
E rôxos figos d'exquisito gosto ;  
Em cachos tintos pendem das parreiras  
Os fructos de que o nectar é composto,  
Emquanto as auras plácidas e calmas  
Meneiam molle e mansamente as palmas.

De ramo em ramo vôam beija-flores,  
Abrindo as refulgentes e aureas pennas,  
Borboletas azues, multicolores,  
Sobem silenciosas e serenas ;  
Murmura emtorno música d'amores  
Em continuas e doces cantilenas,  
Derramando nos ares o segredo  
Da triste rôla e do canario ~~lido~~.

Passa o pavão cuja belleza summa  
Pincel não pinta e penna não descreve,  
Ave que sempre acompanhar costuma  
A alta esposa de Zeus em vôo leve;  
E pela agua, desfeita em pura espuma,  
Nadando o cysne vem, da côr da neve,  
Ave sagrada a Cytheréa, e santa,  
Que vive muda e, quando morre, canta.

Abelhas com sussurros sonoros  
Ambrosia ños campos vão colhendo ;  
No ninho arrulham pombos amorosos,  
Suâves beijos dando e recebendo :  
Quantas delicias ha e quântos gosos  
Que em vão co'a mente imaginar pretendo :  
Olhai, do prateado arroio á margem,  
Hervas e flôres que fragrancia espargem.

A rosa alli se vê purpurea e bella,  
Nasce-lhe a cândida assucena ao lado.  
A rôxa vïoleta se revela,  
E o cravo, d'amadores estimado ;  
Do alto cai o jasmim qual nivea estrella,  
Em redor a bonina esmalta o prado,  
Cresce tambem (notai o estranho effeito)  
Junto do malmequer o amor-perfeito.

Perto a camelia ou branca ou rubicunda  
Co'o rosmaninho e a túlipa viceja;  
D'olores o alecrim o espaço inunda,  
Rescende a madresilva bemfazeja ;  
E, para que co'a magua se confunda  
Algun prazer, é bem razão que esteja  
Co'o triste goivo o myrto immorredouro,  
A hera perpetua e o sempiterno louro.

E co'a magnolia e a passionaria santa  
Floresce a parasita sem aroma,  
E o gyrasol que a vista ao céu levanta  
Onde Phébo dourado surge e assoma ;  
E aquella desejada e rara planta  
Que adormece a quem d'ella as folhas coma,  
Pintando em sonho um goso ethereo e ignoto :  
Doce e maravilhosa flôr do lóto.

**da Allegoria.**

## CATÁLOGO DAS MUSAS E DOS POETAS

Aqui a vossa lingua bella e branda  
Que da latina fonte se deriva,  
Ha-de escutar-se, pois o fado manda  
Que novamente aqui floresça e viva ;  
E quer que a doce música se expanda,  
Não alcançando fama fugitiva,  
Mas, apesar do tempo que o consome,  
Co'a vossa lingua dure o vosso nome,

E, para que o reclamo se levante,  
Em torno murmurando mansamente,  
D'algun ditoso coração amante  
Ou maguado coração doente,  
Do Olympo ha-de enviar o grão tonante  
As musas para o novo continente,  
Sem cujo auxílio a sonora lyra  
Não canta, não soluça nem suspira.

No Helicon donde surge a fonte clara  
Que do alado corcel a origem teve,  
E no Parnaso a cuja lympa rara  
A immoredoura inspiração se deve,  
O côro das donzellas se prepara  
A atravessar o mar sereno em breve  
E, se bem o futuro desenrólo,  
Ha-de vir-lhes á frente Phébo Apollo.

Bem como pombas assustadas, quando,  
Repousando nos ramos d'uma fronde,  
Ouvein o caçador que vem chegando  
É atraz d'um tronco d'arvore se esconde ;  
Num só momento vão partindo em bando  
Pelos espaços sem saber aõnde :  
D'esta arte, um pouco esquivas e confusas,  
Iirão á nova terra as nove musas :

Clio que os tempos idos rememora,  
Euterpe com o cálamo, Thalia  
Que ri sempre, Melpómene que chora,  
Terpsí chore que as leves dansas guia ;  
Erato, dada a Amores, a canora  
Polymnia, Urania, dada á astronomia  
E Calliope cujo fogo santo  
Da tuba retumbante inspira o canto.

Da Grecia hão-de trazer a alta doutrina  
Da arte immortal, segundo vejo e espero,  
Lá d'onde se ouve a música divina  
Do velho pai da poësia, Homero,  
E o som que o magno Píndaro me ensina,  
E Éschylo, mestre da Tragedia austero,  
E o queixume que espalham sem repouso  
Sóphocles brando e Eurípides choroso,

Virão á Italia, assento sempiterno  
D'engenhos peregrinos, patria santa,  
Onde co'o bom Horacio e Ovidio terno  
Virgilio sonoro a voz levanta;  
Onde Alighieri pintã céu e inferno  
E Petrarca suspira em magua tanta,  
Onde canta Ariosto sorridente.  
E Tasso geme dolorosamente.

E passarão pela Provença bella,  
Terra dos amorosos trovadores,  
De cuja suãvíssima querella  
Vôam ainda os sons encantadôres;  
Alli toda a sciencia se revela  
Da suprema alegria e dos amores,  
Nem se pôdem sentir outros cuidados,  
Senão de corações enamorados.

Verão tambem Castella onde Cervantes  
Tem nos labios o riso e a dôr no peito,  
Onde o grão Lope, como nunca d'antes,  
Traz o fogoso Pégaso sujeito  
E Calderón em versos elegantes  
Á branda influença se mostra affeito,  
Bebendo em copa d'ouro a agua perenne  
Das fontes de Castalia e d'Hippocrene.



Emfim chegam ao ninho lusitano,  
Ledo berço da triste saüdade,  
Onde a alma só d'amores sente o damno,  
Mas onde tudo a amores persuãde;  
Onde Camões sublime e soberano  
Faz que por tođa parte se traslade  
O clangor da trombeta nunca ouvido  
Ou da avena o dulcíssimo gemido.

D'aqui no argenteo carro d'Amphitrite  
(Que Poseidon irado já descança)  
Hão-de partir, e Eölo assim permite,  
Pela vaga do mar cerulea e mansa;  
E sem perigo extremo que se evite,  
Irão alegremente, na esperança  
De que Zéphyro brando as leve e traga  
Ao doce porto e desejada plaga.

Assim como o aureo sol resplandecente,  
Quando reina nos céus a noute escura,  
Ainda meio-occulto, lentamente  
Vai derramando os raios pela altura  
E em seguida, surgindo de repente,  
Enche o espaço de luz serena e pura :  
Tal da treva negríssima e sombria  
Ha-de nascer de novo a poësia.

**da Allegoria.**

## FINAL DA ALLEGORIA

Tal como quem, nutrindo uma esperança  
Em meio d'esta vida triste e incerta,  
Dorme, illudido na ventura mansa  
Que do anhelado bem lhe faz offerta ;  
Nas no momento mesmo em que elle o alcança,  
Abrindo os olhos, subito desperta  
E, perdendo o prazer doce e risonho,  
Não póde crêr que tudo foi um sonho :

D'esta arte Chlórís, quando não mais pinta  
O que repete a falla tão sonora,  
Um não sei quê faz que saudades sinto,  
Vendo a clara visão voar embora :  
E, acabando cançada e meio-extinta,  
Suspira sem querer e quasi chora,  
Porém, olhando logo a Lusa gente,  
Vence o desgosto e ri serenamente.

Qual terno beija-flôr que deixa o ninho  
Com a cara consorte e filho implume,  
De rosa em rosa no jardim visinho  
Colhendo o nectar, cheio de perfume ;  
Mas depois, revoando o passarinho  
Aõnde todo o amor se lhe resume,  
Co'os seus em paz repousa bemfazeja  
E d'alli nunca mais partir deseja :

Tal a meiga alegria vai fugindo  
Da alma cândida, amavel e sincera,  
Mas logo torna em riso ao rosto lindo  
E ao coração que ardentemente a espera;  
Puro contentamento está sentindo  
A gentil e mimosa Primavera,  
Porque da lingua lusitana sabe  
Não soffrerá que a poësia acabe.

Pois nella manda o céu que, nova e núa,  
A formosura hellénica admiremos  
E o latino vigor se restitúa  
Segundo a tradição que conhecemos :  
Emfim a gloria antiga continúa  
E estes maravilhosos dons supremos  
A lingua para si recebe e toma  
Da bella Athenas e da forte Roma.

Musas, não mais ! O ultimo som derramo  
E já se apaga a flamma em que me alento,  
E não vos peço immarcescível ramo  
Em premio do immortal atrevimento :  
Mas dai-me sempre aquillo que mais amo,  
Musas, nunca deíxeis que viva isento  
De branda poësia um peito brando  
Que anda os vossos louvores celebrando.

E tu, suãve cithara canora,  
De cujas cordas tiro a melodia,  
Ou quando em mim uma saudade mora  
Ou quando uma esperança me allivia :  
Pende ao meu lado sempre como agora  
Em jucundo prazer ou dôr sombria,  
Para que eu possa leda ou tristemente  
Dizer em verso tudo que a alma sente.

E vós que vã cobiça não condemna  
A uma perpetua, dura e aspera luta,  
Vós que a filha de Zeus, Pallas Athena,  
No templo consagrou da arte impolluta,  
Vinde comigo á Arcadia doce e amena  
Onde continua música se escuta,  
Vinde viver sem maguas e sem danos,  
Claríssimos engenhos soberanos.

E olha, coração meu, vê quanto gosas,  
Quando o sublime canto se traslada;  
Nascem louros ainda, nascem rosas  
Para trazer a fronte coroada;  
E, porque Apollo e as Musas amorosas  
Tenham sempre na terra uma morada,  
Sobre columnas dóricas levanto  
Um novo Parthenon eterno e santo.

**da Allegoria.**

# POESIA DRAMÁTICA



## ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DE LÓURDES

### CÔRO DE PASTORAS

Violeta suãve,  
Santa MARIA,  
O teu pranto nos lave  
De noute e dia.

Tu que em Belém nos déste  
A graça summa,  
Assucena celeste,  
Tu nos perfuma.

Rosa d'amor primeva,  
Casta e pudica,  
Tu nos levanta, enleva  
E glorifica.

E, até que enfim desponte  
A alta ventura,  
Corra a agua d'esta fonte  
Perenne e pura.

**da Lôn para a Comedia Angélica.**

## PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS

## DESCRENÇA

Ó moço peregrino, deixa o abrigo  
D'essa gruta onde estás, e vem comigo

## FÉ

Se porventura queres provocár-me,  
Farei que a tua audácia se dêsarme.

## DESCRENÇA

Lutar é claramente o meu direito  
E d'elle quanto posso, me aproveito.

## FÉ

Mas saiba o mundo todo que a Descrença,  
Deus manda que a Razão também a vença.

## RAZÃO

Depois de longes terras têr corrido,  
Ao puro goso elevo o meu sentido  
E a ti declaro, ó Fé, co'alma sincera  
Que um Deus reside na celeste esphera.

## DESCRENÇA

Nego.



## FÊ

Negas em vão, que a Virgem clara  
Á Razão milagrosamente ampara.

## RAZÃO

Foi a serena estrella matutina  
Cujo esplendor ainda me illumina,  
Que me mostrou na noute espessa e escura  
A etherea luz que o coração procura.  
O homem, quando primeiro os olhos deita  
Na criação magnífica e perfeita,  
Pergunta sempre d'onde vem o mundo,  
D'onde vêm o alto céu e o mar profundo?

## DESCRENÇA

A criação não conheceu começo,  
Mas sempre foi.

## RAZÃO

A tal mentira avesso,  
Não póde o entendimento e jamais ousa  
A origem duvidar de qualquer cousa.

## DESCRENÇA

De que haja Deus, jamais me persuãdo;  
O mundo por si mesmo foi creãdo.

## RAZÃO

Ouve, não é possível que a confusa  
Materia antes de sêr faça ou produza:  
Medita, que verás como evidente  
Nada poudê existir eternamente  
Nem nada se creôu, de tal maneira  
Que uma só conjectura é verdadeira  
Das tres que a mente humana nota e estuda,  
Que outra alguma não ha que nos acuda.  
Eis a verdade sempiterna e viva  
D'onde a santa doutrina se deriva:  
Um Creãdor augusto e soberano  
Creôu o céu e a terra co'o oceãno.

## DESCRENÇA

E quem creôu o Creãdor ?

## RAZÃO

Attende,  
Para que a eterna luz se recomende  
E esse vão pensamento logo passe  
De que um Deus porventura d'outro nasca.  
E assim, parando o esteril argumento,  
Sendo eu Razão que a Fé também sustento,

Aos que Esperança a Caridade impelle,  
Faço que um Deus supremo se revele  
Sem principio nem fim, soberbo e forte,  
Mandando ao céu, á terra, á vida e á morte.

FÉ

Foge, Descrença. E tu, Razão, venceste,  
Auxiliada só da Mãe celeste  
Que entre as sombras da dúvida nos guia  
Com o suáve nome de MARIA.

RAZÃO

Se fallei bem, sómente peço e rógó  
Que o santo amor de Deus domine logo,  
Pois é mais justo e o céu assim obriga  
Que o sintá a Fé, mas a Razão o diga.

da Lóá.

## SOLILOQUIO D'ADÃO

D'um profundo lethargo me levanto  
E ainda sinto um lânguido quebranto.  
Sou, não era e comtudo me parece  
Que sempre fui. Oh quem fará que cesse  
Este mysterio tão remoto e escuro  
Que em vão co'o pensamento vêr procuro,  
Pois não sei apesar de todo empenho  
Quem sou, aõnde vou nem d'onde venho..

**da Comedia Angélica.**

## FALLA DE MIGUEL

## MIGUEL

Oh quão ditoso és tu que na alma sentes  
As virtudes sublime; e excellentes :  
A fé que vivifica e fortalece  
A influência d'um hymno ou d'uma prece;  
A esperança que pinta os mais risonhos,  
Os mais suâves e os mais lindos sonhos;  
E a caridade enfim que o peito abraça  
Na pura chamma da celeste casa.  
Ergue, pois, a ADONAI os teus louvores,  
Porque não serás digno, se não fôres  
Grato a quem tudo manda e determina  
Na vida humana, angélica e divina.  
E, porque tenhas a noção bem clara  
De quanto o Creador em ti prepara,  
Vê como em creatura tão pequena  
Com sabia mão Elle dispõe e ordena  
Na alma as tres faculdades, e os sentidos  
Cinco que se acham no teu corpo unidos.  
Mas primeiro olha o espirito sublime  
Em que a imagem de Deus se grava e imprime :  
Nelle vês a memória que em traslado  
Presenta aos olhos o prazer passado,

E logo o entendimento alto e profundo  
Que nos define a natureza e o mundo,  
Com a vontade livre e não sujeita  
Que escolhe o bem e todo mal rejeita.  
Agora attenta na materia nua  
Na qual a essencia etherea continúa :  
Nella se encontrã a vista com que notas  
As cousas ou visinhas ou remotas,  
As sete côres e as mil fórmãs varias  
Em céu e terra, em plantas e alimarias,  
Pelo ouvido percebes as suãves  
E alegres vozes das canoras aves,  
O murmurio das ondas e o som brando  
Dos zéphyros que em gyro vão voãdo.  
E pelo o olfacto docemente gosas  
O aroma d'assucenas e de rosas  
E a fragrancia subtil, leve e fugace  
Que de violetas e cravos nasce.  
E olha mais longe e admira aquellas fructas  
Nas videiras, d'orvalho nunca enxutas,  
Vê tambem a colmeia onde é composto  
O doce mel que tanto agrada ao gosto.

E enfim, para que o tacto se conheça,  
De leve toca nesta relva espessa,  
Nesta dé flôres matisada alfombra  
Que frondoso arvoredado cobre e ensombra.  
Bem vês, Adão, em que o viver consiste,  
Dêsqe qs olhos attónitos abriste.  
Dá graças, pois, a Deus, porque consagre  
E confirme inda mais este milagre,  
Pois um sublime espírito uniu todo  
A um baixo corpo, feito só de lodo.

**da Comedia.**

## OS SETE DONS DO ESPÍRITO SANTO

MIGUEL

Ditoso Adão, eu te bemdigo e louvo  
E louvo o teu amor sincero e novo.  
E em premio d'elle é bem razão que tenhas  
Os sete dons divinos, já que empenhas  
O teu esforço em só servir Àquelle  
Que sempre ao bem nos leva e nos impelle,  
Para que enfim no empyreo recebamos  
A aurea corôa e os viridentes ramos.  
E, para que a ADONAI vivas sujeito,  
Guarda a sabedoria no teu peito,  
O intellecto e o conselho que te ampara,  
A alta sciencia, a fortaleza rara  
E a pïedade milagrosa e meiga  
Que co'o temor de Deus em ti se arreiga.  
Ao céu ceruleo o teu olhar levanta,  
Porque é lá que verás a patria santa  
E a morada estellífera e secreta  
Onde todo desejo se aquïeta.

da Comedia.



## HYMNO INAUGURAL

## CÔRO

Louvemos ADONAI alto e perfeito  
E o seu nome sublime bemdigamos  
Ao som de tuba e lyra saúdosa.  
E do mais fundo e mais interno peito  
Erga, harmoniosíssimos reclamos  
Tudo que emtorno sente, vive e gosa.  
A música chorosa  
Aos ethereos espaços se levante  
E, ora grave, ora aguda,  
Celébre a cada instante  
Aquelle que do empyreo nos ajuda;  
Poís virtude não ha mais meritoria,  
Senão que se repita  
Esta infinita—e sempiterna gloria.

Louvem-no o sol brilhante e a branca lua,  
A noute escura e o luminoso dia,  
As estrellas de prata e os astros d'ouro,  
O fresco orvalho, a nuvem que fluctua,  
A humedecente chuva, a neve fria  
E o verão deleitoso e duradouro.  
Dos céus se abra o thesouro  
E lá da parte onde se estão formando

Da nevoa os densos muros,  
Venham descendo em bando  
As mansas auras e os favonios puros.  
E, ou quando surja a luz ou já não arda,  
Seja com voz sonora  
Bemdicto agora — e sempre quem nos guarda.

Louvem-no as fontes e aguas crystallinas,  
Os regatos e lagos prazenteiros,  
Os caudalosos rios e oceãos,  
Louvem-no os valles, montes e collinas,  
Louvem-no as serras, louvem-no os outeiros,  
Os campos e vergéis ledos e ufanos.  
Os cedros soberanos,  
Os salgueiros, carvalhos e cyprestes  
Derramem mil louvores  
E co'as hervas agrestes  
Esparjam doce aroma as lindas flôres.  
E pelas moutas que entre as veigas crescem,  
Das fugidias aves  
Os mais suâves — hymnos nunca cessem.

Louvem-no os peixes e os reptis estranhos,  
Os basiliscos e os dragões damnhinhos,

Os tigres e os leões feros e atrozes.  
Louvem-no as aguias, louvem-no os rebanhos  
D'ovelhas e de castos cordeirinhos,  
Os bravos touros e os corcéis velozes.  
Sejam as varias vozes  
Da criação numa só voz unidas  
E juntas espalhadas  
Nas aéreas guaridas  
E nas terrenas e húmidas moradas.  
Desde o alto céu até o mar profundo  
Tudo quanto nos ouve,  
Bemdiga e louve—o Creador do mundo.

Louvem-no em meigo e maguado threno  
Adão sublime e os filhos da futura  
Geração d'Israel soberbo e santo :  
Ruben ditoso, Simão sereno  
E com Levi que só do templo cura,  
Judá, coberto do purpureo manto.  
E ergam também o canto  
Zabulon, Issachar e Dan, seguidos  
De Gad que ao claro assento  
Eleva ais e gemidos

Co'Aser e Nephtali em rythmo lento ;  
A quem José com Benjamín responde :  
Qual echo em selva ou gruta  
Diz o que escuta — e não se sabe d'onde.

Louvem-no em diviníssimas cadencias  
Os seraphins, em flammabrasados,  
Os cherubins e os thronos gloriosos.  
Dominações, virtudes e potencias  
Gemam e juntamente principados  
Co'archanjos e anjos digam os seus gosos.  
Os sons maravilhosos  
Partam e docemente irão subindo,  
Continuos e canoros,  
E com prazêr infindo  
Suspirem sem cessar os nove córos.  
E no universo sôe eternamente  
Uma voz sobrehumana,  
Cantando hosanna — a ELÓA onnipotente.

**da Comedia.**

## NASCIMENTO D'EVA

Nestes jardins que o Paraíso abarca,  
Do homem Adão, primeiro patriarcha,  
Ha-de gerar-se nova creatura  
D'uma composição perfeita e pura :  
Eva, a mulher sempre amorosa e branda,  
Que obedece ao consorte com quem anda  
E, delicada e debil, casta e honesta,  
Menos força e mais graça manifesta  
E, sendo semelhante e differente,  
As mesmas cousas d'outro modo sente.  
Esta ha-de sêr aquella que se ufana  
D'uma Filha serena e soberana,  
Luz e esplendor do céu, do mar, da terra  
E de quanto o universo guarda e encerra,  
Que, assim como da aurora nasce o dia,  
D'Eva também ha-de nascer MARIA.

**da Comedia.**

## EVA EM PROCURA D'ADÃO

## EVA

Anjos do céu que estais aqui comigo,  
Dizei-me onde se encontra o meu amigo.  
Os olhos são mais lindos que as estrelas,  
As faces mostram duas rosas bellas  
E os seus labios encerram tal doçura,  
Que vencem qualquer flôr singella e pura.  
E, quando o seu sorriso vôa emtorno,  
É como aroma deleitoso e morno,  
E, quando a sua voz d'amores falla,  
Os passarinhos vêm para escutá-la.  
Anjos do céu que estais aqui comigo,  
Dizei-me onde se encontra o meu amigo.

## CÔRO

Como é formosa a creatura nova  
Que o divino poder revela e prova,  
Tão innocente, ingenua, tenra e branca,  
Do seio saüdosos ais arranca  
E, em amoroso fogo toda accesa,  
Soffre e não sabe ainda o que é tristeza.  
Qual sol dourado sobre clara neve  
Na fronte os crespos fios cáem de leve.  
Os olhos d'onde a luz raios envia,

Espalham mais fulgor que o proprio dia.  
E das faces e labios lentamente  
Se derrama um aroma puro e ardente.  
Bem como surge a aurora leda e grata  
Ou como a lua na agua se retrata :  
D'esta arte o olhar, cheio d'amor infindo,  
Entre as louras pestanas vai luzindo.  
Bem como a cotovia alegre canta  
E o rouxinol suspira em magua tanta :  
D'esta maneira o seu fallar é doce,  
Como se acaso maguãdo fosse.  
Como as auras tranquillias e serenas  
Espalham nò ar fragrancia d'assucenas :  
D'esta arte os seus suspiros, revoãdo,  
Deitam olor delicioso e brando.  
Como enxame d'abelhas que prepara  
Os frescos favos d'ambrosia rara :  
D'este modo na bocca só lhe coube  
Néctar que amor não deixa que se roube.  
E tambem como a rôla meiga e mansa  
D'affagar os filhinhos não se cança :  
D'esta arte, leve como uma asa d'ave,

Acarícia a sua mão suãve.  
Ditoso quem te amar, Eva formosa,  
Pois nos teus braços brandamente gosa  
Doce prazer que nunca se define,  
Por mais que nos encante e nos fascine,  
E, embora dentro da alma se reserve,  
Cada vez mais aumenta na alma, e ferve.

EVA

Anjos do céu que estais aqui comigo,  
Dizei-me onde se encontra o meu amigo.  
Em sonhos me elle veio não sei d'onde  
Nem sei agora em que lugar se esconde.  
Bem como a ovelha perde o cordeirinho  
Que ao longê corre, mísero e mesquinho,  
E co'uma dôr e desprazer tamanho  
Em busca d'elle deixa o seu rebanho  
E não socega na áspera peleja,  
Até que novamente o encontre e veja :  
D'esta máneira irei por toda parte,  
Ó meu amado esposo, a procurar-te.

**da Comedia.**



## FALLA D'ADÃO

## ADÃO

Amar e não viver, senão amando,  
Quem póde imaginar goso mais brando ?  
Quando brilha nos olhos a ternura,  
Toda desfeita em luz serena e pura,  
Quando nasce nos labios a promessa  
E o coração a suspirar começa,  
Quando o sorriso falla e o beijo canta  
Numa quietação suãve e santa,  
Amor não deixa mais que amor nos dêa,  
E alma com alma pelo espaço vôa.  
Vem, casta esposa minha, irmã formosa,  
Aõnde co'a assucena cresce a rosa,  
Aõnde o cravo se une á vïoleta,  
Antes que maio novos dons prometta.  
Dize que me amas sempre, amiga minha,  
Abril maravilhoso se avisinha  
E docemente os verdes campos junca  
De malmequeres que não morrem nunca.  
Prendem-me os teus cabellos ao teu peito  
E nunca este prazer seja desfeito.

De mil flôres a vida se perfuma  
E nunca cesse esta delicia summa,  
Mas antes sempre noute e dia augmente  
Cada vez mais constante e mais ardente,  
Quando emmudece a entrecortada falla  
E o olhar vagos desejos assignala,  
Quando amor faz que mais amor se adquira  
E coração a coração suspira.

da Comédia.

## EPITHALAMIO

## CÔRO

Ó glorioso dia, hora e momento,  
Quando entre violetas e boninas  
A mulher pareceu ao lado do homem.  
No verde prado e no ceruleo assento  
Não ha flôres mais frescas e mais finas  
Nem astros que mais docemente assomem.  
Os tempos não consomem  
O ethereo gosò que nasceu com ella,  
Nem o pudor constante  
Que ás vezes se revela  
No súbito rubor do almo semblante.  
E em nenhuma outra parte se depara  
Cousa mais linda e pura  
Que a formosura—milagrosa e rara.

A luz do sol lhe beija os olhos bellos  
E o chão que lhe sustenta o peso brando,  
D'isto mais alegria ainda sente.  
Co'os leves e longuíssimos cabellos  
O vento brinca e o rio, murmurando,  
Lhe dá pérolas claras da corrente.

Porém mais fortemente  
Que fogo, terra, ar e agua Adão sublime  
Guarda no seio o affecto  
Que entende e não exprime,  
Tanto é sacro, ineffavel e secreto.  
E mais ainda faz què elle se enleve  
Cada rosa que nasce  
Na lisa face —entre jasmins de neve.

Ei-los que se olham e já d'onda em onda  
Sôa dos ternos peitos o segredo,  
Ei-lo que chega, ella, porém, se esquiva ;  
Ei-lo que espera em vão que ella responda,  
E pára quasi, mas um riso ledó  
Faz que o contentamento lhe reviva.  
Então de fugitiva  
Ella se torna mais mimosa e mansa  
E assim, molle e benigna,  
Enlanguece e descança  
E a amar e a sêr amada se resigna.  
E, como em braços do álamo a videira,  
Eva com Adão forte  
Beija o consorte, —meiga e lisonjeira.

Ó ditoso hymeneu, ó novo encanto  
Que une dous corações num só desejo  
E simultaneamente accende e acalma.  
Ó momento d'amor suãve e santo  
E mais que todos grato e bemfazejo  
Cuja eterna lembrança fica na alma.  
A viridente palma  
Dê sombra em horas plácidas e amenas  
E d'este campo infindo  
Brotem mil assucenas  
E do alto venham mil jasmins cahindo.  
E, ou seja em verde valle ou verde outeiro,  
Cantem as flôres todas  
As castas bodas—do casal primeiro.

**da Comedia.**

## LOUVORES DE MARIA

GABRIEL

Desde o alto céu até, á baixa terra  
Nenhuma creatura guarda e encerra  
Tanta virtude e encanto nunca visto  
Como a Virgem que deu á luz o Christo.  
Filha do Pai e Mãe do Filho e Esposa  
Do Espírito que nella se repousa,  
Das tres Pessôas derivando a graça  
Que nunca diminúe nem nunca passa.  
Como a violeta amavel e modesta  
Á verde alfombra os seus matizes presta  
Quasi que sem querer, mas um perfume  
Tão suãve e subtil em si resume,  
Que outra cheirosa flôr a não supera  
De quantas faz brotar a primavera :  
E como a rosa que, d'orvalho cheia,  
Inclina a fronte e ainda se receia  
D'olhar o sol que no ceruleo espaço  
Espalha os raios d'ouro não escasso,  
E, escondida entre a molle e immovel herva,  
No seio as raras pérolas conserva :

D'esta maneira a Esposa, Mãe e Filha  
Ante a santa Trindade surge e brilha.

### CÔRO

E qual do gyrasol a flôr estranha  
Que, quando o louro dia as terras banha,  
Os rubros resplendores vai seguindo  
E á hora em que descem no oceão infindo,  
Com sentimento e co'amargura chora,  
Até que nasça novamente a aurora :  
D'esta arte o coração, em magua posto,  
Procura o brilho do formoso rosto  
E a alma se torna docil e tranquilla,  
Quando o sereno olhar no céu scintilla.  
E qual a cotovia em vôo brando  
Estende as asas pelo espaço, quando  
O clarão da alva estrella matutina  
As fugitivas nuvens illumina,  
E, toda cheia d'alegria e goso,  
Do alto derrama um som maravilhoso :  
Assim a voz queixosa a cada instante  
Em mansa melodia gema e cante  
E o saudoso reclamo nunca cesse  
Do amor ardente que no peito cresce.

E qual o beija-flôr a flôr deseja  
Que mais mimosa e mais melliflua seja,  
E errando vòa entre purpureos cravos,  
Passionarias azues e lyrios flavos,  
Até que chëgue ao milagroso loto  
Excelso, inattingivel e remoto :  
Não d'outro modo o affecto casto e raro  
À meiga Virgem pede brando amparo  
E todo se desfaz, leve e risonho,  
Num admiravel e innocente sonho.

da Comedia.



## ORAÇÃO DE RAPHAEL

## RAPHAEL

Pelo annuncio archangélico e jucundo,  
Prophetizando o Salvador do mundo  
Que virá redimir de toda pena  
A mesma gente indigna que o condemna :  
Pela visitação suãve e grata,  
Quando o louvor se espalha e se dilata,  
Glorificando a castidade pura  
D'onde ha-de renascer toda a ventura :  
Pelo natal de Christo que prevejo,  
Co'um ineffabilíssimo desejo,  
Quando retumbam no ar os novos hymnos,  
Versos d'amor e cánticos divinos :  
Pela apresentação no excelso templo  
D'Aquella cuja gloria já contemplo,  
Quando em tons maguados o propheta  
Chora e lamenta a dôr longa e secreta :  
Pelo encontro do qual me maravilho,  
Da saúdosa Mãe co'o meigo Filho,  
Quando Deus faz que á terra se traslade  
A etherea luz que ao bem nos persuãde :  
Na hora da tentação negra e sombria—

## CÔRO

Roga por nós, ó Virgem Mãe MARIA.

## RAPHAEL

Pela agonia do Messias no horto,  
Na mais profunda magua todo absorto,  
Erguendo ao Pai a angustiosa prece,  
Para que nunca a humana gloria cesse :  
Pela flagellação dura e importuna  
Do justo Salvador, preso á columna,  
No horrendo sacrificio levantando  
Os olhos para o céu sereno e brando :  
Pela cruél coroação d'espinhos,  
Quando os algozes feros e mesquinhos  
Batem naquella fronte nobre e augusta  
Que nenhum medo turva nem assusta :  
Pela cruz santa que JESUS carrega,  
Seguido pela gente bruta e céga,  
Tres vezes sopesando o lenho rude,  
Sem que ninguém acaso o ampare e ajude :  
Pelo momento docé e derradeiro,  
Quando, pregado no áspero madeiro,  
O Filho do Homem co'ancia mansa e calma  
A Deus entrega entre suspiros a alma :  
Na hora da tentação negra e sombria—

## CÔRO

Roga por nós, ó Virgem Mãe MARIA.

## RAPHAEL

Pela resurreição de JESUS Christo,  
Dos olhos lacrimosos nunca visto,  
Em alegria plácida e profunda  
Transbordando de luz que os céus inunda :  
Pela ascensão do Filho glorioso  
Ao claro assento d'infinito gozo,  
Quando o Padre celeste na aurea esphera  
Entre ondas d'esplendor o aguarda e espera :  
Pela vinda do Espírito sagrado  
Aonde se reúne o grão senado  
Dos discípulos castos e eloquentes  
Os quais irão salvar nações e gentes :  
Pela tua assumpção maravilhosa,  
Quando entre nuvens d'ouro, neve e rosa  
Vôas, pelos espaços transportada,  
À região da eterna madrugada :  
Pela coroação alta e sublime,  
Quando a Trindade sacrosanta exprime  
O triple amor que se consagra e vota  
A ti, Rainha egregia e ainda ignota :  
Na hora da tentação negra e sombria—

## CÔRO

Roga por nós, ó Virgem Mãe MARIA.

## RAPHAEL

Roga por nós, Virgem MARIA, e escuta  
Os contínuos suspiros de quem luta,  
Em ti cuidando e só por ti gemendo  
Neste combate formidando e horrendo.  
Tu nos proteges sempre e tu nos salva,  
Ó para nós pharol e estrella d'alva!  
E se no eterno pensamento vives,  
D'essa visão divina não nos prives,  
Mas surge como o véspero, fluctúa  
Entre o dourado sol e a argentea lua,  
Do dia marca o derradeiro instante  
E co'o reflexo raro e rutilante,  
Pousando aqui e alli, veloz e vago,  
Treme de leve no ceruleo lago.

da Comedia.

## VICTORIA DE MIGUEL

Anjos, ouvi a narração da luta  
Contra a maldade e astucia baixa e bruta  
E o sublime triumpho nunca visto  
Para gloria e louvor de JESUS Christo.  
E que tambem retumbe no universo,  
Depois de derrotado o archanjo adverso,  
Das armas e das tubas o ruído,  
Saudando o vencedor nunca vencido,  
E em toda parte celebrado seja  
Miguel, invulneravel na peleja.  
Já no terreno proprio e bem disposto  
Estão os combatentes rosto a rosto,  
Quando ao som da trombeta que se espera,  
Lúcifer salta qual veloz panthera  
E, andando em roda, com a fina ponta  
A Miguel ameäça que traz prompta  
A espada e juntamente prompto o escudo  
E sem mover-se em pé, severo e mudo,  
Sómente os olhos do adversario fita,  
Buscando occasião que lhe permitta  
Dar um seguro passo mais ávante,  
Na mão direita o gladio rutilante.

Em vão Lúcifer tenta desarmá-lo,  
Miguel do medo não conhece o abalo,  
Mas antes em coragem vai crescendo,  
Cada vez mais feroz e metuendo.  
Qual áfrico leão soberbo e forte  
Irosamente espalha em torno a morte  
E, erguendo aos céus o formidável uivo,  
Erriça todo o pêllo crespo e ruivo  
E logo se arremessa sem detença,  
Até que rompa, fira, abata e vença :  
Tal o archanjo bellífero e robusto  
Co'ardente olhar infunde frio susto  
No inimigo que, vendo força tanta,  
Tres vezes cai, tres vezes se levanta  
E por fim em lethárgico repouso  
Jaz aos pés de Miguel victorioso.

da Comedia.

## VISÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

## CÔRO

Que visão majestosa se apresenta,  
Subindo pelo espaço lenta e lenta ?  
A visão da amantíssima Trindade  
Cujo ardor nós inunda e nos invade :  
Deus Padre, o Creador omnipotente,  
Deus Filho, o Salvador da humana gente,  
Deus Espírito santo e sempiterno,  
O Glorificador que vence o inferno.  
Quem nos dará ligeiras pennas e asas  
Para deixarmos as campinas rasas  
É como cysnes que pelo ar visinho  
Vão revoando para o doce ninho,  
Antes que em duro e doloroso trance  
A aguiá cruél e pérfida os alcance,  
Pousam numa enseada mansa e curva  
Cujo claro crystal nunca se turva :  
E também como cervos mal feridos  
Que abafam os tristíssimos gemidos  
E, traspassados d'uma aguda setta,  
Numa carreira célere e inquieta

Vão anciosamente á fresca fonte  
Onde não ha perigo que os affronte :  
Assim subamos para o solio puro  
Onde entre Deus e os anjos não ha muro.  
Então, do nosso Creãdor mais perto,  
Veremos como num espelho aberto,  
Do empyreo descerrando-se as cortinas,  
Mais claramente as perfeições divinas:  
A potencia que cria o céu e a terra,  
A sapiencia que tudo abarca e encerra,  
A bondade que toda magua abranda,  
Para que dentro da alma não se expanda,  
A immensidade que não tem limite,  
A providencia que prevêr permite,  
A justiça que pune, sendo boa,  
Com a misericordia que perdôa,  
E co'a beneficencia que governa,  
A infinidade e a caridade eterna.

MIGUEL

É d'essa caridade que esperamos  
A aurea corôa e os viridentes ramos.  
Cantai, anjos, cantai com alegria,  
Glorificai ELÓA noute e dia.



E o psalterio do amor maravilhoso  
Exprima o nosso indefinível goso,  
Acompanhado em melodia aienena  
Com harpa e lyra, com trombeta e avena,  
Para que todos juntamente em côro  
Louvemos ADONAI immorredouro.

GABRIEL

Anjos, agora aos claros céus voemos  
E lá nos claros céus descansaremos.

RAPHAEL

Anjos, á alta mansão vinde comigo,  
Deus nos espera no celeste abrigo.

da Comedia.

## APOTHEOSE

MIGUEL

Qual íris, rutilando no aureo espaço,  
Sóbe num vôo vagaroso e lasso :  
D'esta arte a Virgem Mãe surge sem susto  
Diante d'ADONAI soberbo e augusto.

CÔRO

Salve, ó Senhôra,  
Cheia de graça !  
Luz que nos doura,  
Não se desfaça :  
Mas docemente,  
Plácida e pura,  
No peito augmente  
Rara ventura.

Ô tú, mais nobre  
D'entre as donzellas,  
Bem que se encobre,  
Tu nos revelas :  
JESUS, Menino  
Meigo e risonho,  
Mimo divino,

Divino sonho.

Mãe sempre amada,  
Sempre querida,  
Na madrugada  
Da nova vida ;  
Cesse o teu breve  
Vôo indeciso :  
JESUS te eleve  
Ao Paraíso.

GABRIEL

Nasçam rosas gentis pelo caminho,  
Corram brandos perfumes no ar visinho,  
Que todo o brilho já se manifesta  
Da Virgem admiravel e modesta.

CÔRO

Eis vem a Esposa  
Cândida e calma  
Em quem repousa  
Encanto d'alma.  
Rúbido pejo  
O rosto inunda  
Tão bemfazejo

Em paz profunda.  
Flôr de laranja  
Nas tranças cheira,  
Mas não lha tanja  
A aura ligeira.  
E com agrados,  
Tímida e inerte,  
Cravos nevados  
A mão aperte.

Salve, ó Rainha  
Mimosa e mansa,  
À alma mesquinha  
Traz esperança :  
Não transitoria  
Flôr d'um instante,  
Mas alta gloria  
Inebriante.

RAPHAEL

Já do seio d'ELÓA não se affasta  
A Virgem meiga, encantadôra e casta  
E, como claramente vejo e advirto,  
No céu mais do que o louro vale o myrto.

## CÓRO

Juntas e unidas,  
Em vôos lentos  
Vão duas vidas,  
Dous pensamentos :  
Aõnde nasce  
Como perfume  
Bem não fugace  
Que amor resume.

Ninguém na terra  
Nunca se indigne  
Côntra o que encerra  
Ámphora insigne :  
Coração ledó,  
Fechado cofre,  
Guardas segredo  
De quem não soffre.

Coração puro,  
Supremo amparo  
É forte muro,  
Aos anjos caro :  
Tu nos consomes

Em alegria  
Co'os doces nomes  
JESUS, MARIA.

MIGUEL

Anjos do céu, cantai um canto novo  
À Phénix santa que bemdigo e louvo.

CÔRO

Vaso argenteo d'amor, d'onde o jucundo  
Aroma se derrama pelo mundo,  
D'onde nascem virgíneas assucenas  
Olorosas, mellíficas e amenas,  
Os zéphyros fagueiros perfumando  
Co'o efflúvio mais subtil, mais leve e brando:  
Eburnea torre de queixosas aves,  
Do fragil ninho os sons altos e graves  
Suávissimamente despedindo  
Com um murmurio saúdoso e infindo,  
Quando entre nuvens roseas surge fóra  
A reluzente e rubicunda aurora:  
Aurea mansão d'innúmeras abelhas,  
Beijando flôres niveas e vermelhas,  
De jasmim em jasmim, de cravo em cravo  
Colhendo o néctar exquisito e flavo

Que da corolla immovel e tranquilla  
Entre ondas d'ambrosia se distilla :  
Porta celeste e resplendente, aõnde,  
Quando o dia clarissimo se esconde,  
Durante a noute calorosa e calma  
Húmidas folhas d'amaranto e palma  
Se erguem, sorvendo o orvalho deleitoso  
Em puro enlevo e lânguido repouso :  
De ti, MARIA, vêm as esperanças  
Que para nós na lactea via alcanças,  
De ti vêm os prazeres e as doçuras  
Que para nós com affeição procuras,  
Cheia de graça rara que convinha  
A quem da cõrte angélica é Rainha.  
A ti sóbem os sôffregos desejos  
Immensos, infinitos e sobejos  
E lentamente as illusões e os sonhos  
Pelos ares ceruleos e risonhos.  
Ó Mãe d'EMMANUEL, sempre querida  
De quem ao summo gozo nos convida ;  
Por ti, MARIA, os duros soffrimentos  
Deixam de sêr penosos e cruêntos,

As longas dôres e os extremos damnos  
Deixam de sêr ferinos e tyrannos,  
Ó Donzella seráphica e divina,  
Em ti se encontra doce medicina :  
Flor de Judá, MARIA graciosa,  
Lyrio sem mancha e sem espinho rosa,  
Salva-nos tu que és cândida e impolluta,  
Os nossos hymnos mansamente escuta  
E com ternura meiga e beinfazeja  
Roga a JESUS amado que assim seja.

da Comedia.

LAUS DEO



# INDICE

## PAGINA

### POESIA LÍRICA

Ode á Lingua Portuguesa	5
Soneto I	10
« II	11
« III	12
« IV	13
Cantiga I	14
Esparsa I	15
Villancete	16
Cantiga II	18
Trovas com Echo	20
Esparsa II	22
Coplas	23
Esparsa III	25
Mote	26
Endechas	28

### POESIA ÉPICA

Começo do Triumpho	37
Falla da Musa	39
Apparição d'Aphrodite	41
Falla d'Hermes	44
Descripção da Patria da Primavera	45
Catalogo das Musas e dos Poetas	48
Final da Allegoria	52

## II

### POESIA DRAMATICA

#### PAGINA

Oração a Nossa Senhora de Lourdes	57
Prova da Existencia de Deus	58
Soliloquio d'Adão	62
Falla de Miguel	63
Os Sete Dons do Espirito Santo	66
Hymno Inaugural	67
Nascimento d'Eva	71
Eva em procura d'Adão	72
Falla d'Adão	75
Epithalamio	77
Louvores de MARIA	80
Oração de Raphael	83
Victoria de Miguel	87
Visão da Santíssima Trindade	89
Apotheose	92



## OBRAS DE JOSÉ ALBANO

Comedia Angélica	1 vol.
4 Sonnets	»
----- Triumpho e Allegoria	»
Rimas	»
Argumentos do Triumpho, Allegoria e	
Comedia Angélica	»
Anthologia Poética .	»





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).